

Uma borboleta, uma pedreira proibida

Ainda havia algum tempo antes que ela chegasse.

A tarde abafada de verão descolava-se da estrada sob forma de poeira e se espreguiçava no ar. Tudo estava quieto, ou quase quieto, e mole, inchado de sono. Um homem de olhos muito abertos (e transparentes de tão claros, coisa que não era comum) fingia vigiar a estrada com seus pensamentos. Na verdade, os olhos mapeavam outros lugares, vagavam dentro dele, e catavam cacos de memória como uma criança que colhe conchinhas na areia da praia. Às vezes o presente se intrometia, se interpunha, e ele pensava vou usar *terra* em meu próximo trabalho. Mas então o mundo marrom e ressecado e empoeirado contraía-se novamente para ver passar um branco virginal, uma moça vestida de branco que evocava um quadro de Whistler.

Tomás lembrava-se dela. O amor. Onde estaria?

O amor era como a marca pálida deixada por um quadro removido após anos de vida sobre

uma mesma parede. O amor produzira um vago intervalo em seu espírito, na transparência dos seus olhos, na pintura envelhecida da sua existência. Um dia, o amor gritara dentro dele, inflamara suas vísceras. Não mais. Mesmo a memória era incerta, fragmentada, pedaços do esqueleto de um monstro pré-histórico enterrados e conservados pelo acaso, impossível recompor um todo íntegro. Trinta anos depois. Duzentos milhões de anos depois.

O cachorro dormia aos pés de Tomás, e sonhava, sem a memória de uma moça vestida de branco. Às vezes gemia. Em dado momento levantou a cabeça preta e branca num sobressalto e começou a morder a pata para tirar dali um bicho-de-pé. As galinhas-d'angola da cozinheira Jorgina repetiam o bordão *tô-fraco, tô-fraco* que ela escutava sem ouvir. Uma tarde baça e gasta, como um pedaço de borracha velha, um pneu careca. Um fóssil, duzentos milhões de anos.

As buganvílias floresciam de um jeito selvagem, quase agressivas, os galhos deselegantes se impondo sem pedir licença e os espinhos contradizendo a delicadeza da flor. Aquelas buganvílias já estavam ali bem antes de Tomás chegar. Quem sabe permaneceriam depois que ele, de um jeito ou de outro, se fosse.

O cachorro, que não tinha nome ou dono, que simplesmente elegera como sua aquela casa e entendera como seus os restos de comida que a cozinheira passara a pôr duas vezes por dia sobre

uma folha de jornal, junto ao tanque, terminou sua operação de remoção de bicho-de-pé e voltou a dormir seus sonhos misteriosos.

Como os sonhos dos bebês. Tomás se perguntara muitas vezes que espécie de sonhos formigaria na mente de um recém-nascido. Teria lembranças do útero e faria sonhos líquidos e avermelhados? Por um momento fantasiara: que um bebê sonharia com o momento de sua concepção, como se o tivesse testemunhado, como se tivesse acompanhado passo a passo, observador atento, as fases de seu próprio desenvolvimento, um emaranhado de células a que os cientistas foram dando nomes sem poesia, mórula, blástula, gástrula (era isso mesmo?), um embrião, um feto. Que carregaria a emoção quase consciente de identificar desde o princípio, desde o óvulo fecundado, como uma informação genética: sua mãe.

Seu pai.

Seria assim? Não se podia ter certeza.

Os olhos claros de Tomás vez por outra ficavam úmidos, um certo cacoete o acompanhava desde a infância, aquele de manter os olhos abertos sem pestanejar pelo máximo de tempo possível, numa aposta cruel consigo mesmo da qual sairia sempre ganhador e inevitavelmente perdedor. Terminava lacrimejando. Então, na tarde abafada e seca, Tomás libertou de seus olhos dois fiapos prateados que ninguém viu, nem o cachorro, nem a cozinheira Jorgina. Haveria palavras escondidas

naquelas lágrimas? Ou seriam lágrimas além das palavras, além do mundo, além da tarde sonolenta e do verão intenso que vinha cavar com os dedos os poros dele mesmo ali naquele refúgio?

Não era um homem feliz. Nem infeliz. Sentia-se *equilibrado*, e para isso pagara o preço que achava justo e recebia os cabíveis juros-dividendos-correção-monetária. Abdicara de alguns territórios. Desistira da fantasia de um império. Reinava apenas sobre si mesmo e sobre aquele casebre esquecido no meio de lavouras de importância nenhuma e estradas de terra que viravam poeira na seca e viravam lama na estação das chuvas e não tinham o hábito de conduzir ambições. Quando fora viver ali (mas não por causa disso), ele sabia: o fim dos sonhos. E agora pensava em talvez usar terra em seu próximo trabalho, em sua próxima tela, terra e tinta — ? Seu pensamento era tão pequeno. Tão pequeno. Do tamanho de um gesto de perfume que uma mulher largasse no ar.

No céu muito distante um avião passou quase sem fazer barulho, alto, não havia aeroporto nas proximidades, certamente dirigia-se para o Galeão ou para o Santos Dumont, na capital. A cozinheira Jorgina, que perdera a maior parte dos dentes e agora exibia orgulhosa uma dentadura muito branca, aproximou-se silenciosa de Tomás e colocou uma xícara de café fumegante, cheirando bem, na mesinha de ferro batido da varanda. Não era uma mulher de muitas palavras, na ver-

dade não gostava delas. Pensava, sem pensar, que eram traiçoeiras como um bicho que espreita sua presa, e quase sempre injustas. Olhou para o tempo e suspirou um suspiro sem significados. Depois voltou para o interior da casa e para o fogão onde fumegavam o feijão, o arroz, a carne assada. Ao longe Tomás divisou a picape nova de Ilton Xavier, que rolava apressada pela estrada, exalando poeira. Todos esses discretos movimentos eram como sinais da respiração de um corpo adormecido, só isso, e não chegavam a arranhar a tarde.

O café estava muito doce, doce demais, mas Tomás aprendera a gostar dele assim, que era a forma da gente dali, economia no pó, fartura no açúcar. O cachorro, a quem uma mutuca incomodava, levantou ágil a cabeça e num só movimento abocanhcou o inseto em pleno voo. Tomás ficou olhando sem interesse para as próprias pernas, descobertas por uma bermuda. Na sua pele estavam as marcas rudes daquele lugar sem asfaltos e concretos, como tatuagens: montes de picadas de mosquitos, de carrapatos, de mutucas e outros bichos, uma pequena cicatriz na panturrilha esquerda, de onde fora tirado um berne, no posto de saúde de Jabuticabais. Coisas que ele vinha angariando ao longo dos últimos anos, desde que fora viver ali. Tão perto e tão longe daquela moça de branco. Junto aos pés dele uma trilha laboriosa de formigas desenhava uma estria viva no chão.

Nem feliz, nem infeliz. Um homem que buscava apenas aquele pequeno silêncio, aquele preciso lacrimejar por nenhum motivo e por todos. A confusão entre si mesmo e a poeira da estrada que a picape nova de Ilton Xavier deixava para trás como um pensamento.

Na sala pequena de chão de cimento vermelho-gasto empilhavam-se os quadros que Cândido viria buscar no fim de semana, as telas de intenção e tamanho despretensiosos vendidas a cem reais cada e destinadas a decorar saletas de classe média interiorana, consultórios médicos, modestos escritórios de advocacia. O tabelião de Jabuticabais comprara duas, segundo Cândido. Uma estava pendurada no cartório, a outra fora presente de casamento para uma sobrinha. Vez por outra alguém encomendava um retrato, o preço dobrava, Cândido ficava satisfeito, mas o humor de Tomás não parecia mudar muito, continuava uniforme como aquela tarde seca.

Nas pinturas de paisagens havia quase sempre uma estrada que não levava a lugar nenhum. Que sumia atrás de uma árvore, ou numa curva, ou num declive do terreno. E no canto inferior direito ficava aquela assinatura silenciosa de alguém que só assinava seus quadros porque os compradores exigiam. Antes, aos vinte anos, Tomás se recusava a poluir qualquer trabalho seu com uma assinatura imprevista que atrapalhava a composição geral, como alguém tossindo no meio de um concerto,

como as luzes de uma sala de projeção acendendo antes do final do filme. Agora, ele fazia o que os clientes quisessem, e para esses clientes uma assinatura dava autenticidade ao quadro. Status. Mesmo a assinatura de um pintor desconhecido. Não podia ser dispensada. Está bem. Não faz diferença. Ele assinava seu nome com tinta preta e caligrafia de estudante de escola primária.

Certa vez uma cliente contou minha sobrinha viajou para a Europa. Foi a Paris. E me trouxe de lá uma reprodução enorme de uma fotografia, uma fotografia preto e branco de um homem e uma mulher se beijando no meio da rua. Nunca que eu vou pendurar aquilo na minha sala. Os seus quadros, sim. As suas paisagens, tão bonitas, e além do mais são pintura a óleo, isso tem valor.

Tomás pensou na fotografia magistral de Robert Doisneau e sorriu e acendeu um cigarro e a espiral de fumaça ganhou o espaço como uma serpente encantada. Por um instante esculpiu uma figura feminina que logo se desmanchou no ar. Cansado de tanto dormir, o cachorro levantou-se, coçou a orelha com a pata traseira e esqueceu a pata no ar durante um precioso instante em que olhava a distância e percebia algo que escapava ao homem. Voltou a cabeça e viu a porta aberta atrás de si e teve um pressentimento canino diante do qual sorriu um sorriso canino, invisível de tão suave. Depois foi se deitar dois metros adiante, onde a grama estava alta e talvez mais fresca.

Não havia mais novidades para Tomás. As palavras eram poucas, decorrência do fato de dividir a maior parte das horas com uma cozinheira que não gostava de conversa e que se comunicava por sorrisos e monossílabos, ou pela ausência deles. Somente de tempos em tempos ele ia até Jabuticabais, a cidade mais próxima, fazer suas compras mais do que modestas. Além disso havia apenas as visitas de sua amiga Clarice. E as visitas a sua amiga Clarice. Que serviam para reiterar a certeza: não havia mais novidades. O percurso estava terminado e Tomás podia agora sentar-se a uma sombra, diante da linha de chegada, que vinha a coincidir com o ponto de partida, como se ele não houvesse se movido ou como se tivesse vivido um grande arco, 360 graus. Dali restava a ele observar a velocidade da rotação do planeta, e a magra sucessão das estações. Nessa realidade, a companhia de Clarice se encaixava sem exigir, sem movimentar, sem fazer alarde. Sem causar dissonâncias que exigissem resposta, silenciosa como tudo mais. Se a espiral de fumaça esculpia uma figura feminina, essa figura não revelava Clarice, definitivamente. Porém, e Tomás devia reconhecê-lo, talvez ainda evocasse aquela outra, apesar de tudo. Aquela que ele iria reencontrar no dia seguinte.

Uma mulher que a memória sempre vestia de branco e de juventude.

* * *

Muitos anos antes, aquela mulher de branco ainda era apenas Maria Inês. E acabava de plantar uma árvore de dinheiro em companhia de um primo de segundo grau que ainda era apenas João Miguel. Dois primos de segundo grau com nomes duplos: era tudo o que tinham em comum.

Ainda não está brotando, reclamou João Miguel, e Maria Inês deu de ombros e disse você não tem mesmo paciência. Acha que é assim? Que a gente planta uma semente e ela começa a brotar na mesma hora? Tem que esperar muito tempo.

Quanto tempo?

Depende. Dias, semanas.

Isso tudo?

Ela não respondeu. Alisou a terra com cuidado quase maternal, depois desviou os olhos para acompanhar uma borboleta que sobrevoava o pequeno espaço até a pedreira e lançava-se audaciosa no abismo.

Presta atenção, não vá dizer ao meu pai que andamos por aqui, é proibido, disse Maria Inês.

Proibido?

É. Ele proibiu, é muito perigoso.

João Miguel alarmou-se, mas ao mesmo tempo era óbvio que uma árvore de dinheiro, como aquela que ele e sua prima de segundo grau haviam acabado de plantar, devia ficar num lugar secreto. De difícil acesso. Num lugar *proibido*.

Durante uma hora as duas crianças haviam caminhado morro acima, atravessando o pasto e

a pequena mata que havia lá no alto (como um resto de cabelo numa cabeça quase inteiramente calva), enchendo-se de carrapatos, até os limites da grande pedreira onde famílias de lagartos mimetizavam-se imóveis sob o sol.

Do topo, debruçados sobre a pedra mais alta, podiam enxergar o mundo inteiro, ou ao menos aquilo que parecia a Maria Inês ser o mundo inteiro, dimensionado por seus nove anos de idade. De um lado o rio, pedacinho de barbante dourado, os animais no pasto como miniaturas, a casa e o curral como brinquedinhos coloridos de plástico. E do outro lado, o silêncio e o vazio acentuados pelo abismo abrupto: lá embaixo, na sede abandonada de uma Fazenda dos Ipês, fantasmas vagavam, caramujos redondos riscavam muito devagar as paredes adormecidas e plantas suculentas cresciam no telhado. A pintura das janelas descascava aos poucos, tudo envelhecia e se tornava dia a dia mais secreto. Mais doloroso. Como outras realidades que Maria Inês estava prestes a conhecer tão bem.

Já te contei sobre a Fazenda dos Ipês?, ela perguntou a João Miguel, e ele mentiu, dizendo não somente porque queria ouvir de novo a história do linchamento.

Ela contou: dizem que o dono ficou maluco porque apanhou a mulher com outro, você sabe como é. Ele foi até a cozinha, pegou o facão. Parece que estava bêbado, não sei se alguém faria uma

coisa dessas se não estivesse bêbado. Talvez fosse maluco. Pegou o facão e matou a mulher, sua própria mulher! Já imaginou? Com dezessete facadas. O amante dela conseguiu fugir, chamou a polícia, o homem foi preso.

Maria Inês fez uma pausa, avaliou o silêncio na ponta da língua e sentiu seu gosto doce-azedo, como o das balas de tamarindo. Depois prosseguiu, competente contadora de histórias, narrando como a minguada população da pacífica Jabuticabais enfureceu-se, levantou-se como uma onda, invadiu a delegacia e linchou o assassino no meio da rua, com paus e pedras e depois fogo. A filha dele, a criança amargurada que herdou aquelas terras, teve que amadurecer antes do tempo, como uma fruta na estufa. Chamava-se Lindaflor, a pequena e brava Lindaflor, que nas redondezas era evocada como um mito. Alguns diziam que era loura como um anjo, outros garantiam que tinha cabelos de fogo e pele muito branca, ou então era morena como uma índia, de cabelos grossos e lisos. Ora era dissimulada como a mãe, ora era violenta como o pai, ora era suave e louca. As informações sobre seu atual paradeiro também variavam. Estaria com tios em Friburgo. Estaria com primos no Rio de Janeiro. Teria se mudado para o exterior, para a Alemanha, onde era criada por um casal de músicos, um pianista alemão e uma violoncelista brasileira (ninguém saberia explicar de onde surgira essa hipótese tão criativa quanto

improvável). Maria Inês não podia esclarecer nada daquilo junto a seus pais, porque, naturalmente, aquele assunto também era proibido.

Os proibidos a seduziam na mesma medida com que cerceavam Clarice, sua irmã mais velha, que já ia completar treze anos e era obediente como um cãozinho treinado, que não se aproximava da grande pedreira e não fazia perguntas sobre a tragédia da Fazenda dos Ipês. Os proibidos.

Quer saber o que vou fazer com a minha parte do dinheiro?, Maria Inês perguntou ao primo de segundo grau, referindo-se à árvore, ao dia em que estivesse adulta e pejada de frutos-moedas. Vou viajar, ela disse. De navio, até a Europa.

Havia um aparente desprendimento no comentário de João Miguel, mas uma tristeza profunda fez baixarem seus olhos. Ele falou meu pai viaja muito. Até a Europa, de avião e de navio.

Plantar uma árvore de dinheiro usando uma moeda como semente havia sido ideia de Maria Inês, naturalmente — a inventiva Maria Inês, e ousada, e curiosa. Olhou para o primo com sincera compaixão. Quando João Miguel se lembrava do pai, e então ficava pesado como uma segunda-feira chuvosa, invadia-a aquela vontade de protegê-lo, o pobre primo abandonado, de carregá-lo no colo. Viajava muito, o pai dele. Até a Europa, até sua Itália natal. De avião. Com a amante. Enquanto a esposa terminava de se gastar numa clínica para doentes mentais. Claro que saber aqueles porme-

nores era cem por cento proibido, mas Maria Inês tinha seus meios de entre ouvir as conversas dos adultos. Até a Europa. Com a amante. E o filho único ficava esquecido durante os três meses de férias na fazenda dos primos, no interior do estado.

Pobre João Miguel, disse Maria Inês, e suas palavras se faziam com um terço de sinceridade e um terço de ironia e um terço de indiferença. Passou os dedos de leve pelo punho que seu primo de segundo grau e marido havia machucado durante uma partida de tênis, naquela manhã de domingo, trinta e cinco anos depois da antiquíssima e embolorada manhã de domingo em que, longe dali, haviam subido um morro e se aproximado de uma pedreira proibida para vigiar o nascimento de uma árvore de dinheiro.

Depois da carícia, suave como o roçar de uma asa de inseto, Maria Inês voltou a pôr os óculos de leitura e a mergulhar sem interesse no jornal. Ela disse que as edições de domingo eram uma bobagem e que nunca falavam de nenhum assunto importante. E João Miguel disse a proposta é justamente essa, edições de domingo para leitores de domingo.

Maria Inês continuava a virar as páginas, detinha-se aqui e ali, ainda que não se sentisse propriamente uma leitora de domingo. Folheou a magra revista que trazia fofocas sobre atores e atrizes

norte-americanos e desprezíveis dicas de moda e maquiagem. Uma entrevista. Anúncio de plano de saúde. Uma crônica preguiçosa e rala. Ela só voltou a se interromper para beber o último gole de sua xícara de café, amargo e forte, como na Itália. Aprendera a gostar do café assim, depois das viagens. Recolocou a xícara branca sobre o pires branco que estava na mesa de tampo de cristal e pés de mármore branco. Italiano.

Fazia calor demais e a cor da manhã era um azul não confiável. Intenso, mas poroso, com uma infinidade de intervalos, de falhas, de lapsos. Intenso *demais*, como um azul de pintura a óleo, como um azul artificial engendrado em paleta de artista — ou em vocabulário de artista.

Nas ruas do Rio de Janeiro mulheres gordas e descomplicadas desfilavam shorts curtíssimos dos quais saltavam coxas cobertas de celulite, e camisetas de alça, largas e curtas, que revelavam braços roliços e abdômenes roliços e sob as quais se balançavam peitos carnudos e moles. Senhoras muito dignas de sobancelhas finas caminhavam pelas calçadas com as alças do sutiã à mostra pelo decote da blusa. Na testa, nas têmporas e sobre os lábios borrados de batom encarnado, mil gotinhas de suor resistiam aos lenços de cambraia. Homens tiravam as camisas para revelar barrigas sedentárias e bronzeadas demais. Quase todos estavam, aliás, bronzeados demais, rostos que eram como tomates, miseráveis marcas brancas de alças de

maiô decorando as costas, a pele que se despegava como folha de papel depois do sol excessivo, lábios intumescidos como frutas maduras.

O calor estava em toda parte e pouco adiantava buscar o aconchego mentiroso do mar, porque o sol torrava mesmo quando a fria água salgada pretendia fazer crer que havia algum alento. Ao contrário, o sal potencializaria as queimaduras da pele. O calor estava nas areias, nas calçadas, nas vitrines das lojas, no asfalto, nas árvores, em toda parte, no ar, nas paredes, nos cães de bocas abertas e línguas gotejantes, nos mamões que ficaram sobre a mesa, decalcado como um matiz extra no azul traiçoeiro do céu.

Na grande sala de estar de Maria Inês e João Miguel Azzopardi havia, porém, um anestésico denominado ar-condicionado-de-vingte-e-três-mil-BTUs. O apartamento no Alto Leblon era um aquário e em suas águas refrigeradas boiavam alguns peixinhos secretos, muitos peixinhos óbvios, a maioria deles sem nome.

Uma decoradora sugerira aquele branco todo. Sofá branco, paredes brancas, poltronas brancas. Ideias brancas e inverdades brancas. Muito mármore branco. Algum aço escovado, como o das duas cadeiras. Algum pau-marfim, como o da estante. Um infinito mundo asséptico de fantasia.

O dinheiro que comprava tudo aquilo não brotara da árvore plantada trinta e cinco verões antes nas proximidades de uma pedreira proibida.

Vinha daquela natural continuação da carreira do *vecchio* Azzopardi, o Azzopardi pai, pelo Azzopardi filho, João Miguel. Naquele ano, como em todos os outros, o *vecchio* receberia suas visitas na *villa* de sua Toscana natal, onde fora viver depois da aposentadoria, aos setenta anos. Cheio de vitalidade e vontade de beber *chianti* e namoradas cada vez mais jovens.

O voo de João Miguel sairia à noite. Faria antes uma adequada escala em Cortina d'Ampezzo. Eduarda havia optado por acompanhar sua mãe àquele destino tão diverso onde reencontraria a tia Clarice, no interior do estado, um lugar onde turistas jamais poriam os pés. E onde muitos mistérios respiravam à luz do dia, conforme ela haveria de descobrir.

Pelo protocolo, Maria Inês teria acompanhado João Miguel. Com seu corpo comprido cujas imperfeições iam suavizadas por roupas bem-escolhidas, com seu rosto que aprendera a sorrir de forma adequada, com sua presença perfumada e exata, nunca muito grande, nunca pequena demais, coisas que eram como a sintaxe de um novo idioma aprendido com tal perfeição que quase extinguiu a memória do idioma original.

Ainda se escondiam nela, porém, emoções que só poderiam ser expressas com seu vocabulário antigo, seu vocabulário tosco de moça *inadequada*. De menina que adorava burlar proibições. E que acabara se decidindo pela fazenda em lugar da

villa de *papa* Azzopardi. Pela sua própria vida, em lugar da vida do outro. Pelos seus próprios segredos, também. Pelo seu próprio degrado voluntário. Pelos seus pântanos onde talvez monstros machucados ainda vagassem, tanto tempo depois.

Ela dobrou o jornal em quatro partes iguais, tirou os óculos de leitura. E deu instruções para que João Miguel fizesse compressas com gelo e tomasse anti-inflamatório.

Tem uma droga nova que foi lançada, parece que não afeta o estômago.

João Miguel respondeu com reticências, fez um gesto vago com a mão. Não considerava totalmente confiáveis as opiniões médicas de Maria Inês, a despeito do diploma. Ela sabia disso e deu de ombros e disse se estiver doendo muito, chama o Vargas. Ele é especialista. O telefone está na minha agenda.

Levantou-se e cruzou a sala devagar.

Vou tomar banho, disse, largando um gesto de perfume no ar enquanto seus pés descalços sentiam o contato frio do chão.

O banheiro não estava refrigerado e ali era possível suar. Maria Inês olhou para o jardim ornamental em miniatura que brotava do outro lado do boxe. Um jardim em miniatura dentro do banheiro. Com plantinhas de folhas intumescidas que faziam flores delicadas. Se Eduarda ainda fosse criança, poderia brincar de boneca, ali. Com suas Barbies. Mas Eduarda já era quase adulta e,

além do mais, anti-Barbies. No dia em que tiver uma filha vou lhe dar bonecas de pano para brincar (aos quinze ou dezesseis anos, poderia advir daí todo um inflamado discurso de repúdio ao imperialismo cultural norte-americano e tudo mais).

Maria Inês começou a se despir diante do espelho. Automaticamente. Não tinha nenhuma intenção de estudar a própria nudez, tão familiar. Seu corpo era aceito por completo. Para tirar a camisola bastou um gesto, e então ela reencontrou aquela íntima e corriqueira verdade, seu corpo, que em nada evocava Barbies ou outras belezas padronizadas, curvas classificáveis em categorias, vendáveis, temporariamente definitivas. Seus quadris eram um pouco largos e o ventre estava longe de ser liso feito tábua. Os seios de menina que haviam amamentado uma filha continuavam a ser seios de menina, pequenos e frágeis. Ela guardava a cicatriz de uma grave apendicite operada havia cinco anos. Tirando a calcinha, ainda era possível divisar o vestígio da cesariana, aquela pequena cicatriz curva e rosada com talvez dez centímetros de extensão.

Abriu o armário e apanhou o tubo azul: *Lancôme, Paris. Gommage pur. Gelée exfoliante. Activation et lissage (Exfoliating gel. Stimulation — smoothness). Soins du corps. Vitalité. Douceur.* Ela não sabia exatamente de onde aquilo surgira, mas tinha um cheiro muito bom e consistência agradável, um pouco áspera, delicadamente áspera. E era

azul, sua *gelée exfoliante*, de um azul tão traiçoeiro como o do céu de dezembro que pesava sobre o Rio de Janeiro quase como uma maldição.

Os olhos escuros e amendoados de Maria Inês se encontraram e se multiplicaram no espelho. Ela se aproximou um pouco mais do reflexo e tirou com uma pinça os pelos supérfluos das sobrancelhas, originalmente grossas, mas agora tão bem-modeladas. Pensou em João Miguel e seu punho machucado, depois tentou esquecê-los a ambos. Não era bom ficar revisitando com a imprudência da dúvida as decisões tomadas havia tanto tempo. João Miguel parecia em paz, Maria Inês parecia em paz. Os anos compunham sedimentos e aplainavam ousadias. Maria Inês já não sentia dor quando a pinça agarrava certa um pelo e arrancava-o pela raiz, sua pele se acostumara.

Ela mergulhou os pés pequenos na banheira, primeiro o direito, depois o esquerdo, um nascimento invertido — faltava o fórceps com que fora arrancada do útero de sua mãe. A maré foi subindo até alcançar-lhe o pescoço, e a água tinha um agradável espírito neutro. Estava fria, o que também era bom, já que naquele banheiro, naquela cidade, naquela estação, se podia suar. Muito. A nuca nua recostou-se numa extremidade. Maria Inês fechou os olhos e respirou fundo e por um instante acreditou que talvez fosse possível.

* * *